

9. NO IAPB, 1963. MIGUEL, JURANDIR E JABORANDY

Após concurso, realizado pelo antigo DASP (Departamento de Administração do Serviço Público), fui admitido, em 1963, como Escrivão, no Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Bancários (IAPB), cuja sede em Fortaleza ficava em um edifício localizado na Praça Waldemar Falcão, ao lado do Mercado Central. O expediente era corrido, de sete às treze horas, ficando eu lotado no Setor de Empréstimos. O Sr. **Miguel Moreira de Albuquerque**, brevilinear, com uma sisudez que não dissimulava o seu bom humor, me era o chefe, tendo outros poucos servidores sob seu comando.

Àquela altura, eu voltara a morar no Quartinho e aceitara a grande generosidade de **Lourdes** e **Júlio Carneiro**, pais dos já citados Wilton e Edísio, de partilhar da sua mesa de almoço, cuja refeição era saborosa e farta. Meses depois, por necessidade do serviço, fui transferido para a Tesouraria daquela repartição, sob a chefia de **Jurandir Holanda Pimentel**, cujo auxiliar principal era **Omar Peixoto de Alencar**. Jurandir era filho do político **Menezes Pimentel**, ex-Interventor do Ceará e, então, Senador da República. A exemplo de tantos outros familiares e protegidos dos donos do poder, Jurandir obtivera aquele importante cargo, sem concurso e houvera, até, um período em que ele não tinha a obrigatoriedade da frequência ao trabalho. Todavia, implantada uma maior seriedade na administração dos IAPs, Jurandir se tornou o mais assíduo dos servidores da sua seção.

No período vespertino, após o término do expediente, ele promovia reuniões com amigos, em que patrocinava umas *bramas* e peixadas, na sua residência (apelidada de Senadinho, designação dada por ser a casa em que ficava o seu pai, quando em Fortaleza). Mesmo sem privar da intimidade de Jurandir, aceitei o seu convite para umas dessas reuniões e senti o ambiente sadio e alegre de boas conversas. É justo registrar que, dormisse ou repousasse pouco ou nada durante a noite, ele, no dia seguinte, estava, já cedo, no *batente*. Além da

assessoria do referido Omar, havia a eficiente servidora **Dolores** e de outros funcionários, todos cativados pela urbanidade, com que eram tratados por aquele chefe, de modo que o movimento financeiro da Tesouraria e a respectiva escrituração era mantida rigorosamente em dia. Solteiro *inveterado*, Jurandir dispunha, na parte de administração da sua casa, do veterano e fiel **motorista Poty**, o qual tinha a seu cargo, também, a função de não deixar faltar a comida, adquirida já pronta, nas peixadas da Praia, e a cerveja, generosamente servidas aos amigos. Outro cativante aspecto do Jurandir era a simplicidade com que se relacionava com as pessoas, no que pese a grande influência política e administrativa do seu pai.

Após a minha aprovação no vestibular de Medicina, com início do curso em março de 1964, as aulas eram ministradas nos turnos da manhã e da tarde, o que dificultava – praticamente impedia – que eu continuasse no trabalho de um turno corrido de seis horas. Pleiteei, mas não consegui, transferência, como funcionário administrativo, para o Hospital de Messejana, então pertencente ao IAPB, onde a minha carga de trabalho poderia ser distribuída, incluindo, até, horários noturnos, de modo a se adequar aos meus horários da Faculdade. Eu, por outro lado, não podia abrir mão do salário. Vislumbrou-se a possibilidade de, na própria sede do IAPB, eu ser transferido para a Farmácia, onde havia expediente em dois turnos, o que, felizmente, me foi possível. Lá, eu poderia retalhar o meu horário, distribuindo minha carga de trabalho nos dois turnos. Nesse esquema, logrei continuar o meu curso e concluí-lo, ao cabo de seis anos.

Naquele setor, fiquei sob a chefia da Farmacêutica Dra. **Maria Júlia Jaborandy Rodrigues** (na foto, a seguir, à E., com o esposo, Sr. **Iran Rodrigues**),



Iran e Ma. Júlia Jaborandy Rodrigues (26) Eduilton, Euterpe Barreto e Luciano Girão (11)

Na referida seção, havia outros estudantes universitários, como **Euterpe Chagas Barreto** e **Luciano Girão** (na foto, à D da página anterior), estamos - eu, Euterpe e Luciano - fazendo uma singular confraternização natalina), os quais viriam, posteriormente, a se graduar em Línguas e Direito, respectivamente. Labutava, lá, também, **Lia (Maria) Gomes de Luna**, acadêmica de Serviço Social e por cujo intermédio viria eu a ter a ventura de conhecer **Valtina**, conforme detalho, adiante.

Para não exorbitar da boa vontade de Dra. Maria Júlia, eu chegava cedo à repartição e trabalhava até perto da hora da primeira aula na Faculdade. Após o almoço, no máximo ao meio dia, retornava ao IAPB, onde permanecia até o horário das aulas vespertinas, para o que me deslocava, novamente, para Porangabuçu, onde permanecia até o final da tarde. Assim, com tal mobilidade e disposição e contando com o beneplácito daquela chefia, pude levar o curso até o seu final, sem ter que deixar o emprego. Nas férias da Faculdade e mesmo nas minhas férias funcionais, a minha dedicação à repartição era em tempo integral, como uma maneira de acentuar a recompensa, por eventual subtração de tempo trabalhado nos períodos letivos.

Sob a Chefia de Dra. Jaborandy, a Farmácia do IAPB ocupou, sucessivamente, o edifício do Ex-IAPI, próximo à Cidade da Criança e o prédio da José de Alencar, onde, atualmente, funciona o Centro de Especialidades Médicas José de Alencar (CEMJA), da Secretaria de Saúde do Estado. Naquela Farmácia, além da boa convivência com os colegas servidores e a chefia, tive a oportunidade de conhecer os mais variados medicamentos, o que não deixou de me ser útil, na posterior atividade de clínico.

Como gratidão para com a Doutora Maria Júlia, procurei, depois de formado, emprestar, a ela e a seus familiares, sempre que solicitado, meu contributo, no que concerne à atenção médica.